



“Sementes crioulas” – saberes e práticas sociais em comunidades tradicionais caiçaras, quilombolas e faxinalenses no Estado do Paraná

“Creole seeds” - knowledge and social practices in traditional communities from the caiçaras, quilombolas and faxinalenses in the State of Paraná

Cleusi T. Bobato Stadler¹

¹Doutoranda PPGG- UEPG/PR Universidade Estadual de Ponta Grossa, Imbituva, Paraná. E-mail. cleusibobatost@gmail.com, Projeto Interconexões/CNPq¹

Resumo

Neste trabalho apresenta-se a produção do conhecimento científico a partir dos sujeitos sociais, fazendo uma interlocução entre o conceito de território/territorialidades, práticas socioambientais e culturais. Tem como objetivo principal, compreender como o ator-sujeito das comunidades tradicionais Faxinal Sete Saltos (Ponta Grossa), quilombola Palmital dos Pretos (Campo Largo) e caiçara Guaraguaçu (Pontal do Paraná) materializam, reproduzem e simbolizam a agrobiodiversidade, dando sentido às suas territorialidades. A formação de Banco de Sementes Crioulas nestas comunidades representa uma nova estratégia coletiva para a revalorização da agrobiodiversidade, pois se organizam esforços para a localização e produção de variedades de milho, arroz, feijão, mandioca e até mesmo árvores nativas. Através de uma abordagem etnometodológica, com análise de narrativas, representações e práticas cotidianas, pretende-se buscar na agrobiodiversidade as subjetividades e práticas dos indivíduos, sua relação com a natureza, suas memórias e saberes.

Palavras-chave: Agrobiodiversidade; Territorialidades; Banco de Sementes; Memória.

Abstract

This work presents the production of scientific knowledge from social subjects, making an interlocution between the concept of territory / territorialities, socio-environmental and cultural practices. Its main objective is to understand how the actor-subject of traditional communities Faxinal Sete Saltos (Ponta Grossa), quilombola Palmital dos Pretos (Campo Largo) and caiçara

¹ Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Grupo de Pesquisa Interconexões: saberes, práticas e políticas de natureza - Projeto “Núcleo de Estudos e Capacitação Sócio-técnica de Populações Tradicionais em Agroecologia nos Territórios Faxinalenses 2020-2021”. Projeto “Das territorialidades tradicionais às territorializações da agroecologia: saberes, práticas e políticas de natureza em comunidades rurais tradicionais do Paraná”.



Guaraguaçu (Pontal do Paraná) materialize, reproduce and symbolize agrobiodiversity, giving meaning to their territorialities. The creation of a Creole Seed Bank in these communities represents a new collective strategy for the revaluation of agrobiodiversity, as efforts are organized to locate and produce varieties of corn, rice, beans, cassava and even native trees. Through an ethnomethodological approach, with analysis of narratives, representations and everyday practices, the intention is to seek in agrobiodiversity the subjectivities and practices of individuals, their relationship with nature, their memories and knowledge.

Keywords: *Agrobiodiversity; Territorialities; Seed Bank; Memory.*

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo apresentar à Pesquisa de Tese - Sementes Crioulas – Saberes e Práticas em Comunidades Tradicionais no Paraná, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação, Doutorado em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Com esta pesquisa pretende-se fazer uma interlocução entre o conceito de território/territorialidades e a relação com os sujeitos que constroem o espaço rural de três Comunidades Tradicionais do Paraná- Faxinal de Sete Saltos (Ponta Grossa), Quilombola Palmital dos Pretos (Campo Largo) e Guaraguaçu (Pontal do Paraná), no tocante à agrobiodiversidade, mais especificamente às sementes crioulas.

As Comunidades Tradicionais estão em constante transformação, em temporalidades e espacialidades diferentes, nas territorialidades, na relação com o espaço e natureza. A sua formação sócio espacial ocorre no contexto de processos históricos marcados por rupturas e descontinuidades, estreitas relações entre o espaço físico – a natureza – com a mata de araucária, os ervais nativos e as atividades humanas o que caracteriza a cultura dessas populações rurais.

As Comunidades Tradicionais constituem territórios e territorialidades, pois como defende Haesbaert (2014), a concepção de território é também um espaço apropriado em termos imateriais na produção de identidade, subjetividade e simbolismos com certo lugar. Territorialidades com o sentido de pertencimento, uso e vivência em um recorte do espaço e que na atualidade se expressam mais em rede, com a compressão do espaço pelo tempo. As práticas com as Sementes Crioulas constituem territorialidades, pois identificam a vivência concomitante de múltiplos territórios. As trocas de sementes crioulas, o ir e vir cotidiano cria territórios de movimentos, articulados em redes.



O território enquanto espaço-tempo-vivido aparece como resultado de processos diversos e complexos produzido nas tramas materiais e imateriais do cotidiano social (HAESBAERT, 2007a), ou seja, na vivência e na identidade das pessoas. O território é o espaço das experiências vividas dos atores e da relação destes com a natureza. São espaços apropriados por meio de práticas que lhes garantem certa identidade social/cultural.

Se o território é produto do processo de apropriação e domínio social, como defende Saquet (2007, p. 57), “centrado e emanado *na* e *da* territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades, temporalidades e territorialidades”, é no acontecer da vida cotidiana das Comunidades Tradicionais que se concretiza a territorialidade, nas mudanças sociais e naturais que ocorrem com os “sujeitos” na reorganização do território. O território então é apropriado e construído socialmente, está nas relações socioespaciais, no processo de territorialização.

Estudar as sementes crioulas nas práticas sociais das comunidades tradicionais é estudar os fenômenos e processos do real, do cotidiano, na construção histórica e multiescalar do território. As sementes crioulas fazem parte da construção social de um território e as práticas sociais com estas sementes constituem as territorialidades dos sujeitos, dos “guardiões das sementes”. Através das diferentes atividades cotidianas com as sementes crioulas, armazenamento, alimentação, técnicas de plantio, se cristalizam as territorialidades dos agricultores no espaço, como produto de práticas e relações sociais das comunidades rurais e destas com agentes das cidades, historicamente condicionado e caracterizado econômica, política e culturalmente, em *tramas* socioespaciais.

Na busca de pertencimento ao território, das territorialidades das sementes crioulas e suas práticas tradicionais vamos buscar a concepção territórios enquanto movimento, conquista, com o sentido de pertencimento, uso e vivência em um recorte do espaço e que na atualidade se expressam em rede, com a compressão do espaço pelo tempo. O ir e vir cotidiano das sementes crioulas, as trocas entre as comunidades cria tramas materiais e imateriais do cotidiano social, na vivência e na identidade das pessoas.

Esse território então seria múltiplo, complexo, contínuo, enquanto espaço-tempo vivido, um território, que vai da “dominação político-econômica mais concreta e funcional à apropriação mais subjetiva e/ou cultural-simbólica” (HAESBAERT, 2004, 95-96). O território então é o espaço das experiências vividas, espaços apropriados por meio de práticas que lhes garantem certa identidade sociocultural. As relações entre as pessoas e delas com a natureza, estão cheias de sentimentos e simbolismos, como podemos perceber na fala de D. Conceição (64 anos) na comunidade caiçara de Guaraguaçu:

[...] quando tinha na mata, fruta ou hortalça era picada, podia comer, porque não morria [...] comiam palmito da mata, água do



chão. [...]nossa casinha era de sapê, nossa cobertura era de juta, travesseiro de macela do campo. [...] era viver na simplicidade. [...] Você vivia o teu mundo, você tinha o teu conhecimento, era gostoso, nós vivia na simplicidade [...] Nós era um povo indígena que morava na beira do rio [...] Meu avô, dizia que tinha o pai do mato, e quando nós entrasse no mato, pra uma cobra não picar nós, pra uma árvore não cair em cima de nossa cabeça, pra que nós não se perdesse, era pra pedir licença, licença pra natureza. Ele conversava com a natureza, meu pai era um deles. Eu via ele batendo a boca assim, aí eu perguntava, o que o senhor ta conversando, ele dizia tô conversando com a natureza [...].

Essa narrativa nos traz todo um simbolismo, uma identidade com o território, no seu aspecto funcional e também no aspecto simbólico como parte integrante da realidade cotidiana que se manifesta nos territórios.

Analisar os sujeitos das comunidades faxinalenses, quilombolas e caiçaras como espaços de diferentes narrativas, trajetórias e formas de uso do poder, de conflitos, rupturas e forças que percorrem e usam desigualmente os recursos do espaço, vem de encontro às dimensões espaciais/territoriais e as variáveis sociais, econômicas, culturais, em jogo na configuração de práticas e saberes locais da natureza (FLORIANI; THER RIOS; FLORIANI, 2013). Enquanto novos atores sociais, os moradores destas comunidades tradicionais construíram sua territorialidade, práticas econômicas, socioculturais e simbólicas, vinculadas ao meio rural, configurando assim, patrimônios imateriais através de suas vivências cotidianas.

Práticas- Saberes

Na pesquisa em questão, o fenômeno geográfico é a territorialidade das Comunidades Tradicionais, as práticas e as representações que essas comunidades possuem a respeito da agrobiodiversidade, das sementes crioulas, as dinâmicas de trabalho familiar e comunitário, alimentação, conhecimentos técnicos e tradicionais, que determinam muitos saberes cotidianos e de socialização, que se materializam e são simbolizadas no espaço da paisagem rural destas comunidades. Quais são suas memórias do “saber fazer”? Como conservam e trabalham com as sementes crioulas? Através das práticas e técnicas tradicionais, como estão adaptando seus cultivos às condições locais de cada comunidade? Propõe-se, portanto, investigar as diferenças e/ou semelhanças entre sujeitos faxinalenses, quilombolas e caiçaras nas suas práticas agrícolas (com as sementes crioulas) e vivências



sociais nestas comunidades, captando suas articulações nas comunidades enquanto atores sociais.

O conhecimento local e a cultura com as sementes crioulas podem ser considerados integrantes da agrobiodiversidade, pois é a atividade humana do plantio, agricultura e suas técnicas que moldam e conservam esta biodiversidade. Portanto, as sementes crioulas são aquelas que não sofreram nenhum tipo de modificação genética por técnicas de melhoramento científico, são aquelas que apresentam características adaptadas ao local de cultivo. As práticas de manejo e melhoramento são feitas pelos próprios agricultores, de acordo com seus critérios, desenvolvidos principalmente pelas pessoas mais antigas nas comunidades tradicionais os chamados “guardiões das sementes”.

As sementes em sua maioria são: sementes vivas (que podem ser plantadas e produzem); mantêm processos evolutivos (genética ou orgânica); aumento e ampliação da variabilidade (podem ser criadas outras variações ou espécies), seleção feita pelos agricultores (selecionar sementes mais adaptadas a condições ecológicas – solo, clima, época de plantio, etc.) e trazem a soberania dos agricultores - (decidir o que cultivar como comercializar, o que destinar ao mercado interno e ao mercado externo, e controlar os recursos naturais básicos. Direito efetivo à alimentação saudável e controle sobre os recursos naturais, em particular a terra, a água e as sementes).

As sementes crioulas são mais que alimentos, é o símbolo da religiosidade, da cultura, da valorização do que é nativo, do lugar. É através delas que as comunidades tradicionais podem, na prática, exercer sua resistência camponesa e guardar sua cultura. São as práticas com as sementes que os identificam. Esses significados estão relacionados à maneira como preparam os alimentos, como realizam as práticas agrícolas, às interações familiares e sociais. Essas práticas sociais envolvem as relações sociais – memórias, vivências, forças, tensões, disputas. As relações da agrobiodiversidade e sementes crioulas com o espaço habitado, vivido, apreendido, incorporado, bem como a organização socioeconômica, a produção cultural, são fundamentais para entendermos a territorialidade, essenciais na vida das comunidades tradicionais.

A pesquisa se baseia numa abordagem etnometodológica, com a hermenêutica (análise de narrativas), fenomenologia (percepção e representações) e práticas (cotidianas) envolvendo a relação dos sujeitos da pesquisa com o território/territorialidade.

Seguindo a metodologia de imersão em campo, através de uma observação-participante e dialógica com os moradores no cotidiano das comunidades, foram levantadas informações e os pontos identitários-simbólicos. Foram realizadas entrevistas abertas e semi-estruturadas, história oral e memória. Já está sendo organizado um “Banco de Sementes



Crioulas” (arrecadadas 235 variedades), filmagens, gravações, fotografias, documentos, diários de campo, croquis, cartografia social e cartogramas das comunidades em estudo. Foram identificados 12 guardiões de sementes, entre eles, cinco homens e sete mulheres com idade entre 50 e 70 anos. Com todos eles foi encontrado um grande número de sementes de feijão e milho, como principais espécies, mas também abóboras, legumes e temperos, o que está relacionado à estratégia de conservação de recursos genéticos básicos para sua alimentação.

As entrevistas são gravadas em áudio, sendo os entrevistados homens e mulheres residentes nas comunidades há mais de 20 anos. São donas de casa, agricultores, os moradores mais antigos das comunidades e que tiveram pais também moradores nestas comunidades. As entrevistas semiestruturadas são conduzidas através de questões temáticas, relacionadas à formação das comunidades, a agrobiodiversidade e às práticas cotidianas. Como observadora participante, estou acompanhando eventos, como as feiras de sementes, práticas de épocas de plantio, colheita, manejo das sementes, práticas religiosas, observando as práticas culturais relacionadas ao passado e ainda presentes em seu cotidiano. Compreender como os sujeitos reinterpretem as experiências vividas de seus antepassados nas comunidades tradicionais.

É de extrema importância conhecer a história desses agricultores e valorizar o conhecimento empírico desses povos. O perfil dessas pessoas consideradas como guardiãs de sementes é de pessoas com grande experiência e idade avançada, que têm um grande conhecimento das sementes, das técnicas de cultivo, do solo, época de plantio, instrumentos, ou seja, conservam as práticas e os saberes destas comunidades.

São práticas constitutivas na formação destas comunidades todos os rituais relacionados à produção e cultivo (distribuição das atividades no ano - plantio, semeadura, adubação, colheita, capinas, calendário agrícola), bem como as festividades, crenças espirituais (de influência na vida cotidiana, orações), a forma de procurar, coletar e preparar os alimentos consumidos (receitas e hábitos alimentares da família), a água, as plantas medicinais, construção de moradias, as sementes crioulas e a rede de trocas.

Com os faxinalenses de Sete Saltos de Baixo foi possível verificar que viviam sempre dentro do Criadouro Comum, onde a abundância de pinhão sustentava os porcos, segundo o Sr. Antônio Tiburcio Maia. Plantavam fora do Criadouro uns 30 a 40 alqueires para comercialização de milho, feijão, abóbora, amendoim, batata e criação de gado, e usavam somente semente crioula - de *paió*. Ainda utilizam essas sementes crioulas, mas atualmente plantam somente para consumo próprio. Utilizavam o arado puxado a cavalos e a carpideira. A prática que mais mantêm é a religiosidade, com as festas do Divino, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora Aparecida. Mantêm até hoje essas festas e um altar



construído dentro da casa. O feijão era plantado junto com o milho para que suas bainhas subissem no milho. Roçava com foice manualmente. Plantavam geralmente em agosto/setembro e colhiam a partir de dezembro. Era para subsistência e trato dos animais, mas o que sobrava vendiam, inclusive para comprar mais terras. No início moíam farinha no monjolo e faziam o fubá de milho. No Criadouro havia cinco monjolos, onde socavam três alqueires de milho para farinha de milho e fubá.

Na alimentação se destaca a paçoca de farinha que aprenderam com os pais (Figura 1). A carne de porco era frita na sua própria banha e guardada na “lata de banha”, de onde era tirada a carne para socar no pilão manual com farinha de biju (milho). Também faziam o virado de feijão com farinha de mandioca. Com o milho torrado obtém uma espécie de café.



FIGURA 1. Fritura da carne de porco no tacho de cobre e fogão a lenha e socar no pilão com farinha de milho para fazer a paçoca de pilão. Foto: Cleusi T. Bobato Stadler (2018).

Para Tavares (2008), a convivência entre os habitantes do faxinal e integração com o meio ambiente facilitam a preservação do modo de vida tradicional e da biodiversidade existente nos faxinais. Ele ressaltava algumas características específicas dos camponeses faxinalenses, que podemos identificar também nas práticas dos moradores do Faxinal Sete Saltos de Baixo: partilha de parte das terras no Criadouro Comum; criação, de forma coletiva, de animais de pequeno e grande porte, soltos e misturados; prática de agricultura de subsistência com instrumentos tradicionais; partilha de sementes, criações e produtos por meio de trocas; prática de cultura de extrativismo (erva-mate, madeira e pinhão); preservação e respeito das tradições, costumes e cultura (festas, danças e rezas).



Relacionadas a essas tradições, podemos identificar com D. Jesuvina Chagas Ferreira (69anos), algumas práticas que ela conserva até hoje no Faxinal (Figura 2). Ela mantém pés de erva-mate nativos em seu quintal, e no tempo certo, de acordo com as técnicas tradicionais, com um forno de barro que ela mesma fez, corta os ramos, sapeca neste forno e soca no pilão de madeira. Para ficar moída usa o moinho de quirera. Aprendeu com o sogro e permanece com esta prática até hoje, após 30 anos. Ela nos conta que também fazia a farinha no monjolo.



FIGURA 2. D. Jesuvina socando erva-mate no pilão e secando a erva-mate em forno de barro. Foto: Cleusi T. Bobato Stadler (2018).

A comunidade Quilombola Palmital dos Pretos não difere muito de Sete Saltos de Baixo quanto ao uso dos recursos naturais baseado no trabalho familiar e nas práticas tradicionais de cultivo da terra. D. Elenita, nos conta que quando chegaram às terras era “mato fechado”, que “foram entrando e fazendo roças e casas”, onde colocou em prática muitos conhecimentos de seus pais e avós. Fez muita trança de cestos, farinha na mão (sururuca), canjica na cinza, guizá de alho, torra de farinha de milho. Utilizou monjolo de pé para fazer biju, quirera torrada; peneira, pilão de madeira, forno de barro. Ela ainda utiliza o sistema tradicional de malhar(*maiá*) o feijão na caixa de vara construída por seu esposo (Figura 3). Coloca-se o feijão na caixa e com uma vara própria vai batendo até o feijão cair todo ele por entre os vãos abertos da caixa.



FIGURA 3. Caixa de Malhar Feijão - Foto: Cleusi T. Bobato Stadler (2018).

Atualmente ela planta em suas terras sementes crioulas de feijão, milho, mandioca, abóbora, amendoim, alface, couve, abobrinha, cebola, alho poró, pepino, batata-doce. Cultiva plantas medicinais para chás e remédios, como erva-doce, erva-cidreira, maçanilha, hortelã-preta, melissa, capim-limão, alecrim, arruda, gincobiloba, guaco, pimenteira. Na fruticultura cultiva laranja, ponkan, mexerica, limão, amora, pitanga, abacate, uva, pêsego, ameixa-amarela, lima, banana, pêra, pêsego, nectarina.

Ainda em Palmital dos Pretos encontramos uma raridade com relação às sementes crioulas. D. Fermina Rodrigues, 75 anos, em sua simplicidade nos repassou a semente de feijão-guaí (feijão-de-vagem) com mais de 60 anos de cultivo. Trouxe a semente de seu pai, quando veio para a comunidade, que plantava esse feijão em Iretama, norte do Paraná. Em suas práticas ela conserva a forma de plantio em setembro para colher em janeiro. Mas também plantava amendoim, abóbora, mandioca, batata-doce e plantas medicinais. Ela já usou enxadão, foice, machado, enxada de orelha, monjolo de pé, pilão. No pilão ela socava o arroz (para tirar a casca), erva-mate (para quebrar) e fazia canjica na cinza (para tirar a casca do milho e virar canjica). No monjolo fazia a farinha de milho. Também fazia cestaria, chapéu de criciúma e baixeiros de palha de milho (para colocar na indumentária do cavalo).

Guaraguaçu é uma comunidade tradicional caiçara rural, abastecida pelo Rio Guaraguaçu. Essa comunidade mantém características rurais dentro de um espaço urbano, as praias de Pontal do Paraná. O termo caiçara designa a miscigenação entre indígenas e colonizadores, que viviam em contato íntimo com a natureza. Ela tem sua origem e cultura relacionada à pesca, agricultura, ao rio Guaraguaçu e grupos indígenas (Guarani M'byà), bem como migrantes portugueses e de outras etnias.



Para os caiçaras de Guaraguaçu, o “rio é a vida da comunidade”, tudo gira em torno dele, desde sua formação até a prática da agricultura. Desta forma, uma das práticas alimentares mais importante desta comunidade e que os caracteriza é o prato da cambira². Através do peixe do rio, o prato da cambira faz a mediação do passado com o presente, está na memória dos moradores da região, faz parte de seu cotidiano cultural, de um conjunto de práticas materiais e imateriais ligadas ao mesmo tempo a terra e ao mar. Para Willems (2002), o que caracteriza a cultura caiçara é a associação entre pesca e agricultura, a importância do “complexo farinha de mandioca” (Figura 4), a reciprocidade na vida cotidiana, as relações sociais individualizadas em um grupo maior, os mutirões, e outras características que a distingue da cultura caipira ou cabocla.



FIGURA 4. Mulheres fazendo o bijú e farinha na Casa de Farinha de Guaraguaçu, em frente à casa do Sr. João Sales e D. Maria Tereza. Fonte: Acervo da Comunidade.

A comunidade relata que a vida no início de sua formação, nas margens do rio Guaraguaçu era uma festa. Todas as terças e sábados era realizado o fandango, festa típica do litoral paranaense, em que os participantes dançam batendo tamancos de madeira ao som de um tambor e duas violas de sete cordas, feitas de madeira. As tochas de fogo eram a forma de chamar o povo para os fandangos, quanto para avisar da festa do Bom Jesus do Iguape, que acontecia todos os anos no dia 06 de agosto, na Igreja de Madeira, depois de rezavam na novena ao Menino Jesus do Iguape.

Em sua grandiosidade de ser humano e com seus conhecimentos vernaculares, D. Conceição Vieira Ramos Constante nos diz que “... o caiçara pode viver da pesca, da caça, das plantas, do cultivo...”. Com essas palavras, percebemos que os moradores respeitam a

² A cambira é feita com o peixe seco, que era a base da alimentação caiçara na região, acompanhado por farinha de mandioca e banana.



natureza, sobrevivem e se adaptam a todos os lugares. No início de sua formação dependiam da agricultura, extrativismo vegetal e caça. A população local usava o que plantava e coletava para a alimentação, abrigo, comércio, locomoção, artesanato e fabricação de móveis e instrumentos.

A maior fonte de riqueza dessas comunidades é o etnoconhecimento, a vivência popular, principalmente dos mais velhos, em relação à agrobiodiversidade, as sementes, ervas e plantas medicinais, pois constitui um legado passado de pai pra filho há muitas gerações.

Com a escassa participação de trabalhos escritos sobre essas comunidades em especial, o trabalho da fonte oral mostra-se um excelente material para encontrar as respostas que desejamos. Nas interações e conversas com os moradores das comunidades, eles mostraram-se desejosos de falar, narrar e formam croquis representativos da agrobiodiversidade local, bem como, já disponibilizam as sementes crioulas que possuem para um referido 'Banco de Sementes'.

Nessa pesquisa a história oral tem papel muito importante como metodologia de análise das memórias, carregadas de subjetividade, dos sujeitos envolvidos no processo histórico do objeto de estudo. Dessa forma, já foram produzidos os históricos das comunidades e suas diferenciações, um levantamento das práticas que reforçam os sujeitos como guardiões de sementes crioulas, a catalogação das espécies de sementes coletadas nas comunidades.

Utilizando-se da narrativa oral, mas não desvinculando das fontes primárias, procuramos compreender a memória das comunidades tradicionais, o seu cotidiano, a cultura destes povos. Como afirma Lucena (1999), "a história oral fornece ao pesquisador oportunidades de reconstruir aspectos de personalidades individuais inscritas na existência coletiva, pelo fato de as fontes orais dizerem respeito à memória". Isto quer dizer que a arte de lembrar é sempre um ato individual, mas que está moldado pela formação de um grupo e de um meio social.

O que caracteriza a fonte oral enquanto viva e incompleta, são as infindáveis histórias de vida dos faxinalenses, quilombolas e caiçaras, carregadas de subjetividade. As narrativas se mesclam em relatos da vida pessoal e do grupo. Cada entrevistado ao recordar o momento vivido, faz uma reinterpretação pessoal ou grupal do vivido, mas também traz à tona aspectos desconhecidos e de muito significado para a interpretação etnográfica histórica das comunidades tradicionais.

Com a utilização da geo-história, da narrativa, da construção da identidade das comunidades tradicionais enquanto espaço socialmente construído, é que pensamos a



formação destas comunidades faxinalenses, quilombola e caiçara enquanto territórios geográficos e grupos sociais. A criação de uma região simbólica, pois através de suas práticas cotidianas, suas tradições, eles impuseram sua concepção de comunidade e seus domínios econômicos, sociais, religiosos e culturais.

Considerações Finais

O território das comunidades tradicionais não está delimitado ao espaço físico, a documentação jurídica (titulação das terras - quando as têm), mas estão nas dinâmicas, práticas, onde a identidade destas comunidades se configura cotidianamente, em meio aos arranjos adotados pela coletividade.

A agrobiodiversidade e as sementes crioulas nestas comunidades tradicionais no Paraná são um patrimônio material e imaterial das comunidades faxinalenses, quilombolas e caiçaras. A vida se mantém pela semente, que é base de alimento, de sobrevivência, de multiplicação, de crescimento econômico e social na agricultura. É através da agrobiodiversidade que identificamos as práticas socioculturais destas comunidades. A tradição de guardar as sementes ao longo do tempo, do conhecimento dos grãos e de suas variedades, faz com que as comunidades não estejam sujeitas ao mercado capitalista e aos grãos por vezes submetidos a agrotóxicos.

A composição do Banco de Sementes nestas comunidades está em seu início, entretanto no decorrer dos estudos a campo e nas conversas com os moradores locais, percebe-se o entusiasmo e necessidade que os mesmos tinham em sua criação. Esse dado exigiu um resgate da história e práticas cotidianas dessas comunidades e dos camponeses que as compõe.

A agrobiodiversidade e as práticas culturais são construídas cotidianamente e fazem parte da vivência dos camponeses nas representações simbólicas/culturais. Nesse processo, estão intrínsecos os valores que levam os camponeses a se relacionarem com seu pedaço de chão e a desenvolverem uma relação de afetividade com a terra aonde suas famílias se desenvolveram e ali permaneceram por gerações, construindo-se e reconstruindo-se de acordo com a sua inter-relação com a natureza e com a sociedade.

Sintetizando este artigo podemos destacar os conhecimentos empíricos dos sujeitos das comunidades, as práticas materiais e imateriais com as sementes crioulas, o início do Banco de Sementes Crioulas, suas práticas e organizações sociais. A maioria dos agricultores pratica a agricultura tradicional, usando instrumentos manuais para o preparo da terra e a



capina, cultivando geralmente sementes crioulas locais. As espécies de sementes crioulas que mais apresentaram variedades nas comunidades pesquisadas são o milho e feijão. Os guardiões destas comunidades vêm preservando as sementes crioulas guardadas no paiol ou em potes fechados há várias gerações passando-as de pai para filho ano após ano. A preocupação com a conservação destas sementes levou a criação do banco de sementes comunitário, onde estão sendo classificadas e guardadas em um mostruário, disponíveis para o plantio, reprodução em maiores quantidades e trocas com outras comunidades.

Neste sentido se destaca o papel da universidade, com o Projeto Interconexões das organizações locais de cada comunidade, no fortalecimento das comunidades de Sete Saltos, Palmital dos Pretos e Guaraguaçu.

Buscamos destacar com este trabalho o olhar geo-histórico do território através das territorialidades construídas histórica, social e culturalmente, concretizadas nas práticas e saberes dos agricultores. Este território é constituído pelas ações, comportamentos, relações, o modo de vida dos agricultores, que interagem, dão voz, expressões, sentidos, preocupações, crenças, saberes, através de suas relações com a natureza e com o espaço social.

Referências

FLORIANI, N.; THERRIOS, F.; FLORIANI, D. Territorialidades alternativas e hibridismo no mundo rural. *Polis*, v. 34, 2013. Disponível em: <http://polis.revues.org/8759>.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. *Geographia*. Niterói, UFF, Ano 9, n. 17, p.19-46, 2007.

HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. *Território e territorialidades: teoria, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 95-120.

LATOURET, B. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: EDULFBA, 2012. 400p.



LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

RAFFESTIN, C.. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTILLI, J. A Lei de Sementes brasileira e os seus impactos sobre a agrobiodiversidade e os sistemas agrícolas locais e tradicionais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, n. 2, p. 457-475, 2012.

SAQUET, M. A, BRISKIEVICZ, M. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009.

SAQUET, M. A.; CANDIOTTO, L. Z. P.; ALVES, A. F. Construindo uma concepção reticular e histórica para estudos territoriais. In PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinós da; SOUZA, Edson Belo Clemente de (Orgs). *Teorias e Práticas territoriais: análises espaços-temporais*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 53-68.

SAQUET, M. A. Proposições para Estudos Territoriais. *GEOgrafia*, v.8, n. 15, p. 71-85, 2006.

SAQUET, M. A. Campo-território: considerações teórico-metodológicas, *Revista Campo-Território*, n. 1, v. 1, 2006.

SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, M. A. *Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial*. São Paulo: Outras Expressões, 2011. 128p.

Entrevista presencial:

Sra. Conceição Vieira Ramos Constante, 64 anos, no dia 28/11/2018, na Comunidade de Guaraguaçu, Pontal do Paraná/PR.